

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA - ICSEZ
COLEGIADO DE ARTES VISUAIS

NEIVA SAMARA DE ARAUJO SIMAS

A DANÇA COMO UMA PRÁTICA EDUCACIONAL EM CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

Parintins – AM

2022

NEIVA SAMARA DE ARAUJO SIMAS

**A DANÇA COMO UMA PRÁTICA EDUCACIONAL EM CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA**

Pesquisa apresentado ao Curso de Artes Visuais do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, ICSEZ/UFAM, como requisito básico para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Diniz Pereira

Parintins – AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S588d Simas, Neiva Samara de Araujo
A dança como uma prática educacional em crianças com
Transtorno do Espectro Autista - TEA / Neiva Samara de Araujo
Simas . 2022
18 f.: 31 cm.

Orientador: Denilson Diniz Pereira
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Artes Visuais) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Arte. 2. Dança. 3. Artes Visuais. 4. Transtorno do Espectro
Autista. I. Pereira, Denilson Diniz. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

A DANÇA COMO UMA PRÁTICA EDUCACIONAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

Neiva Samara de Araújo Simas¹

Denílson Diniz Pereira²

Resumo: A pesquisa mostra as ações da dança em uma escola municipal de Parintins no Baixo Amazonas, como uma prática educacional em crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA, com o intuito de analisar a mesma como linguagem artística e não só como componente curricular de Arte. A pesquisa no primeiro momento assume caráter bibliográfico na coleta de dados em: revistas e periódicos existentes no banco de dados do portal da Capes, Scielo, banco de teses e dissertações das universidades brasileiras e livros da área em estudo que tratem diretamente do tema e construam neste debate uma reflexão das relações entre o Transtorno do Espectro Autista com a dança. No segundo momento a pesquisa se direciona ao campo observacional para uma melhor análise dos dados. De perspectiva qualitativa, busca-se compreender os impactos dos movimentos e ritmos corporais em crianças autistas por diferentes olhares e pontos de vista. A necessidade de dialogar com tal temática é pôr em discussão a relevância da dança como linguagens artísticas com crianças com TEA. Tal prática contribui para o desenvolvimento da expressão corporal, da linguagem, do social e do cognitivo de crianças com TEA, bem como uma percepção mais lúdica da criança que se relaciona com o mundo através do corpo.

Palavras-chave: Arte, Dança, Transtorno do Espectro Autista.

1 Graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.
E-mail: neiva_simas@hotmail.com

2 Doutor em Educação, Professor do curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia - ICSEZ da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, denilsondiniz@ufam.edu.br

INTRODUÇÃO

Alunos e professores muitas vezes se deparam com uma educação mecânica, desinteressante, pois a educação escolar é desenvolvida de forma fragmentada, assim a criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) que tiver contato direto com a dança, pode desenvolver-se, visto que a arte em seus variados processos artísticos trabalha a expressão como um meio de comunicação verbal ou não verbal como o corpo, onde o processo de criação é algo livre que possibilita a quem tem contato com ela expressar-se de várias maneiras.

A partir desse ponto, a dança transforma-se um meio de expressão e comunicação, a colocando como uma ferramenta de desenvolvimento e inclusão de crianças autistas, a fim de melhorar a convivência dessas crianças na escola, estimulando-as por meio de atividades lúdicas artísticas, possibilitando a criança uma nova experiência em meio à arte.

A dança como forma de Arte, nunca será novidade para escola, pois, é presenciada na escola há muito tempo, como ressalta Mõndiguer, Valle, [et al.] “Dança é disciplina mais recente, embora exista, de alguma forma na escola, há muito tempo.” (2012, p.39). Logo observamos que, a expressão artística, nunca será algo desconhecido para a escola.

No desenvolvimento da dança, observa-se o ballet, como modalidade de dança muito conhecida, para muitas pessoas uma dança diversificada, e pode ser encaixada facilmente em outros estilos, pois em muitos lugares é considerada, a base de todas elas e trabalha o desenvolvimento do corpo inteiro, exigindo flexibilidade e postura corporal.

O ballet pode ser trabalhado dinamicamente com crianças com TEA, auxiliando no relaxamento do corpo, sendo a mesma composta na forma clássica e contemporânea, a parte clássica do mesmo, é praticada por bailarinos com o conhecimento maior da dança, ou seja, com formação, o contemporâneo por sua vez, é desenvolvido por pessoas que estão iniciando, tanto no ballet quanto em qualquer outra modalidade.

É nesse contexto que a dança entra como linguagens artísticas para as crianças com TEA, pois desenvolve estratégias interdisciplinares específicas por meio de diversas vertentes na perspectiva escolar e social, atuando assim como uma prática pedagógica emancipadora.

A dança conduz o aluno com TEA a reflexão, levando-o a conhecerem-se corporalmente trazendo melhorias no modo de viver, desenvolvendo o trabalho no

contexto psicomotor, onde leva o aluno a conhecer-se corporalmente, nos seus gestos, falas e comportamentos.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Parintins no Baixo Amazonas. O primeiro contato com a escola foi a entrega dos documentos que autorizaram a pesquisadora no estabelecimento de ensino.

Segundo a gestora, a escola desenvolve trabalhos e projetos que envolve a dança, com o auxílio de alguns professores, observa-se que a expressão artística é utilizadas no ambiente escolar, mesmo os professores não possuindo domínio de tal expressão, podendo refletir, na escola, na família e na sociedade.

É de grande importância a experiência escolar para as crianças com TEA, pois, possibilita ao aluno conhecer a si e o mundo que o cerca. A escola neste pensar permite ao educando tais experiências sociais, visando o melhor desenvolvimento de seus estudantes e essa modalidade de ensino possibilita ao aluno criar, agir, criticar, compreender, participar, questionar, privilegiar e colaborar, pois, para Bochniak (1992)

“É muito comum ainda encontrar na escola alunos que estudam apenas para prestar exames ou elaborar trabalhos que (e se) valem nota, barganhando com os professores insignificantes resultados da transferência de conhecimentos.” (BOCHNIAK, 1992, p. 62)

Deste modo a dança se envolve pedagogicamente para amenizar essas possibilidades de educação motora tradicional. Assim no primeiro contato com o professor da disciplina de Arte, procuramos entender como ocorre sua metodologia e saber qual seu interesse pela disciplina, o mesmo disponibilizou a fazer parte da pesquisa e relatou como desenvolve a disciplina e os projetos no atual momento. Por muito tempo soava a dúvida de como seria aplicada o componente curricular Arte atualmente? E qual o interesse dos educandos?

A partir desse momento a pesquisadora teve o primeiro contato com os alunos, onde o professor estava desenvolvendo uma mostra de dança, e desenvolvendo alguns estilos como frevo, forrózinho, boi bumbá, e samba de gafieira.

Assim a busca por novas metodologias deve ser continua, pois a dança quando se desenvolve a partir de nova metodologia de ensino. A dança que norteia a pesquisa é essencial, pois, a mesma é desenvolvida a partir do interesse dos alunos com TEA e assim observou uma motivação diferenciada nos educandos, algo novo, que se envolveu no contexto do ensino e da aprendizagem dos mesmos.

O professor possui bom relacionamento com os alunos, lhe falta autonomia em alguns momentos, mas observou-se que esse comportamento seria pela presença de pessoas novas na sala, pois além dos autores da pesquisa há também uma estagiaria de artes visuais, e isso é um impacto tanto para o professor quanto para os alunos com TEA.

RITMOS QUE NOS CONDUZAM POR ESPAÇOS DE DIÁLOGOS METODOLÓGICOS

Este tópico tem como objetivo apresentar a abordagem de pesquisa, o local onde foi desenvolvida a pesquisa, os sujeitos envolvidos, bem como os instrumentos de coletas de dados e os procedimentos que foram utilizados.

A pesquisa discute as ações da dança em uma escola municipal de Parintins no Baixo Amazonas, como uma prática educacional em crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA, a justificativa para participar da mesma foi: ser professor graduado em Artes Visuais, atuar no do 1º ano do Ensino Fundamental, trabalhar no turno vespertino e querer participar da pesquisa, assinando em duas vias o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, ficando uma com a pesquisadora e outra com a pesquisa.

Para o desenvolvimento da mesma, no primeiro momento realizou-se um levantamento bibliográfico em revistas e periódicos existentes no banco de dados do portal da Capes, Scielo, banco de teses e dissertações das universidades brasileiras e livros da área em estudo que tratem diretamente do tema e construam neste debate uma reflexão das relações entre o Transtorno do Espectro Autista com a dança, realizando um estudo mais detalhado dos dados e mediações acerca do que está sendo pesquisado, com a finalidade de aprimorar o conhecimento sobre o tema da pesquisa, através de uma investigação científica de obras já publicadas para entender melhor sobre o que é interdisciplinaridade. Para Fonseca (2002):

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher

informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Seguindo uma abordagem de natureza qualitativa que possibilitou explorar as atividades relacionadas à problemática abordada, podendo enriquecer a compreensão da pesquisa.

Esse método contribuiu para o processo de construção da pesquisa. Para Creswell (2007, p.88) “Em um projeto qualitativo, o autor vai descrever um problema de pesquisa que possa ser melhor compreendido ao explorar um conceito ou um fenômeno”.

O método de procedimento optou-se pelo observacional, pois é um meio onde os fenômenos surgem, e forma a fazer uma definição do que será observado, podendo investigar e realizar as análises da pesquisa e outros procedimentos para coleta de dados.

Para Gil (2008), o método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos curiosos. Pode ser considerado como o mais primitivo, e conseqüentemente o mais imprevisto. Mas, por outro lado, pode ser um dos mais modernos, visto que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais. (GIL, 2008, p.16)

A pesquisadora realizou visitas semanais durante 04 semanas na escola, onde foi realizado observações em sala de aula, conversas com o corpo docente e gestor da escola na sala dos professores, afim de realizar uma atividade voltada a dança, onde a pesquisadora observou as ações do professor com os alunos e pode analisar os dados da pesquisa, fazendo um comparativo, verificado se os procedimentos utilizados obtiveram alguma eficácia ou evolução no desenvolvimento da presente pesquisa.

A pesquisa realizada foi feita com todo compromisso de manter a postura social e ética em relação ao material coletado no decorrer da pesquisa, com o cuidado de não revelar informações que possam causar constrangimentos aos sujeitos da pesquisa. Garantindo assim que os resultados foram utilizados somente para a finalidade deste trabalho de pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista - TEA

São distúrbios de neurodesenvolvimentos que se caracterizam por déficits atípicos de comportamentos e interação social (FINK, 2018). Ele apresenta diferentes déficits de socialização, consiste em dificuldade de comunicação, há casos de atraso de fala e movimentação corporal, assim como em relação aos seus interesses restritos. Tal condição envolve uma variedade de desordens neurológicas comportamentais que se fazem evidentes em dificuldades de socialização, comunicação verbal/não verbal e padrões repetitivos de comportamento.

Em 1943, conforme Teixeira-Machado (2015), o autismo é definido pela primeira vez por Leo Kanner em distúrbios autísticos do contato afetivo. Para ele, a maior característica de uma criança autista era o isolamento autístico, característica presente desde o início de sua vida. A partir da década de 1970, tal visão foi abandonada e caracterizada como prejuízo cognitivo. Entretanto, em 1990 foi retomada a ideia de prejuízos sociais aliada ao prejuízo cognitivo.

A criança com autismo demonstra danos significativos em habilidades como “imitação e no uso espontâneo de gestos de gestos descritivos que impedem a aquisição de comportamentos complexos e socialização.” (TEIXEIRA-MACHADO, 2015, p. 206).

Muitos estudos da neurociência apontam que os neurônios espelho como ponto importante. Esse sistema fornece o mecanismo psicológico para a interação da percepção com a ação. Os neurônios espelho podem ser importantes para compreender a ação de outras pessoas e para aprender novas aquisições motoras mediante a imitação. Problemas neste sistema constituem a base de desordens cognitivas como o autismo (ASSUNPÇÃO; PIMENTA, 2000).

Por esse motivo muitas crianças autistas apresentam desde cedo danos sensoriais e motores. Nisso, intervenções terapêuticas que ajudem a corrigir e amenizar tais prejuízos são de fundamental importância e tem demonstrado efeitos positivos. As intervenções se dão através de estímulos que se fazem terapêuticas como intervenções visuais e auditivas, técnicas de manejo sensório-motor como exercícios físicos e a dança. A terapia permite a exercitação do corpo em movimentos sincrônicos e repetitivos que ajudam a aperfeiçoar o sistema de neurônios espelho.

As percepções da criança se dão através do corpo e ele se faz de agente das transformações e mudanças fundamentais para a criança autista. Lê Breton (2007) denomina este processo de sociologia do corpo. Este autor,

Sugere que as ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade; fosse tão-somente pela atividade perceptiva que o homem desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca. Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. (LÊ BRETON, 2007, p. 58)

Desse modo, conseguimos ter uma noção das grandes dificuldades em crianças autistas para se relacionar com o mundo e as pessoas. É através do corpo que se desenvolve a linguagem, criam-se símbolos e desenvolvem-se as relações sociais e culturais. Portanto, as terapias e tratamentos em crianças autistas devem auxiliar nas reconexões dos vínculos humanos com o mundo físico que as rodeia. Por isso, o diagnóstico deve ser feito o quanto antes.

Conforme o Ministério da Educação existem pontos em se pode reconhecer uma criança com necessidades especiais por apresentar autismo, dentre elas estão a ausência de linguagem verbal ou linguagem verbal pobre; ecolalia ou ecolalia tardia na repetição do que acabaram de falar; hiperatividade ou extrema passividade; contato visual deficiente; comunicação receptiva deficiente; problemas de atenção e concentração; ausência de interação social; mudanças de humor; ausência de interesse pelas atividades em sala ou em casa; interesse obsessivo por algum objeto. (MEC, 2004). É evidente que seria improvável todas essas características aparecerem ao mesmo tempo.

É por isso que o autismo sempre se refere a um conjunto de características que podem ser encontradas em pessoas afetadas dentro de uma gama de possibilidades que abrange desde distúrbios sociais leve sem deficiência mental até a deficiência mental mais severa. Nos estudos de Junior (2021), não existe um, mas diferentes subtipos de transtorno. É tão abrangente que se usa o termo espectro pelos vários níveis de autismo. Existem crianças com outras doenças e condições associadas como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, com vida comum, algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

De acordo com Battisti, Heck e Michels (2015), alguns sinais de autismo já aparecem a partir de um ano e meio de idade, até mesmo antes em casos mais rígidos. Por esse motivo, se faz de grande importância começar o tratamento o quanto antes, mesmo diante de uma suspeita ainda não diagnosticada. Quanto mais cedo se inicia o tratamento, maiores são a melhora e qualidade de vida da criança.

Conforme a American Psychological Association (Associação Americana de Pediatria), o tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo é a terapia de intervenção comportamental, aplicada por psicólogos. A mais usada delas é ABA (*Applied Behavior Analysis*) que é a análise aplicada do comportamento. (JUNIOR, 2021). É um tratamento personalizado e multidisciplinar, onde conta-se com psicólogos, fonoaudiólogos, entre outros profissionais que forem necessitados à necessidade de cada autista.

Esse tratamento diferenciado deve acompanhar a criança em todos os espaços sociais em que convive. Na escola isso não é diferente, pois é o ambiente de socialização com outras crianças e onde constitui sua formação. O autismo, bem como outras patologias parecidas sempre se faz presente nas escolas. Uma hora ou outra um professor se depara com uma criança autista, principalmente na área da Educação Infantil. É desafiador trabalhar com crianças com deficiências, principalmente diante da realidade educacional brasileira que exclui ao invés de ser inclusiva. Para Fink (2018, p. 11) “Não é de hoje que a inclusão é palavra de ordem e bandeira de discursos de diversos órgãos e esferas, tanto no contexto social como educacional.” As transformações adquiridas com muita luta em leis que regem as formas inclusão no Brasil trouxeram transformações importantes na concepção de inclusão que imperava antes.

Para Silva (2018), graças aos investimentos do estado na condição de vida, saúde e educação nas últimas duas décadas, a participação de sujeitos antes excluídos se fez mais presente, principalmente em pessoas com deficiência. Nesse ínterim, o simples fato de uma criança autista frequentar a escola e ter a oportunidade de conviver com os demais colegas é uma grande vitória. São crianças convivendo com direitos iguais, mesmo que diferentes e distintas entre si.

Entretanto, mesmo com todos estes avanços, o “uso mais ampliado do termo inclusão não consegue estabelecer a necessária diferenciação entre as várias categorias excluídas” (FINK, 2018, p. 14). Nesse sentido, as crianças com autismo ainda são submetidas aos mesmos processos que giram entorno da inclusão e exclusão. Quando

tratamos de exclusão, como é o caso dos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista, estratégias de inclusão são fundamentais para manter estes indivíduos na escola e na sociedade de modo geral.

Por fim, é de grande importância um olhar mais profundo e sensível para a condição da criança autista que parte desde o seu tratamento e assistência social à sua inclusão social. Tudo se faz interconectado, pois o tratamento assegura mais firmemente uma criança saudável e socialmente ativa e sua permanência nos espaços que lhe são de direito. Estratégias e meios como a dança que veremos no tópico a seguir, ajudam a criança a ter emoções mais positivas, diminui o estresse, ansiedade e depressão através do corpo. A dança ajuda em múltiplos aspectos e se faz de estratégia complementar em tratamentos como de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

ANALISE E DISCUSSÃO

Dança aplicada para autistas: experiências de socialização por meio do corpo

A dança se faz importante na exploração sensório-motora, principalmente quando ela se desenvolve na infância. Ela oferece uma série de dispositivos de relações na existência do corpo com o mundo e produz novas sensações apreendidas em passos, movimentos, ritmos e vibrações. Tais acepções podem se aliar a processos terapêuticos como, por exemplo, na Educação Infantil, criando laços e socializações integrando os movimentos da dança à expressão nas relações diárias da criança.

Para Viana e Diniz (2018), as atividades onde as crianças se expressem reproduzem os movimentos a partir da música, onde pode-se trabalhar o aluno na sua totalidade

Ao longo desta discussão, pudemos entender que dança pode ter efeitos positivos em crianças autistas, principalmente em casos ligados a dificuldades de comunicação e interação social em vários contextos e a padrões comportamentais restritos e repetitivos, mas principalmente a alterações sensoriais e motoras. Menezes (2016, p. 4) afirma que, “a dança leva o aluno autista ao desenvolvimento gestual, ao equilíbrio gestual, melhora na qualidade de vida dos alunos, coordenação motora (estática e dinâmica), melhora do movimento rítmico, habilidade rítmicas.” Através dessa afirmação, entende-se que a dança contribui efetivamente para aumento da qualidade de vida e redução da gravidade do espectro autista, o que justifica a

importância a adesão de estratégias como dança com os alunos autistas. Para esta mesma autora,

Trabalhar a dança, além das vantagens [...], ainda salientamos a questão do Lúdico, pois aprender brincando é muito mais significativo para a criança, e também mais prazeroso ao educador. Você levar o conhecimento e perceber que aluno realmente entendeu o que foi lhe atribuído é um incentivo para novas buscas para qualidade da educação. As crianças autistas possuem total capacidade de aprendizagem e desenvolvimento dentro de suas limitações próprias na dança, quando o educador conseguir repassar de forma coerente, certamente no decorrer do tempo perceberá uma evolução na criança. (MENEZES, 2016, p. 34)

Isso se faz evidente em estudos como o de Oliveira (2017), onde nas aulas, as professoras desenvolveram danças coreográficas. Primeiramente, solicitavam a atenção dos alunos e executavam os movimentos. Em seguida, os alunos executavam os movimentos e apenas depois de várias repetições, é que o terceiro momento acontecia, onde apenas os alunos executavam os movimentos. Elas observaram uma grande distração por parte dos alunos, assim também, dificuldades de concentração, devido os movimentos estereotipados apresentados por este transtorno nas primeiras aulas, porém com o passar do tempo, o progresso, a evolução e a realização dos movimentos solicitados foram possíveis.

Nas impressões desta experiência com crianças autistas, perceberam-se mudanças de humor, olhares confusos na hora de ouvir e sentir, mas a sensibilidade das professoras permitiu que as dificuldades dos alunos fossem supridas através das inúmeras modificações e simplificações de partes da coreografia para que se permitissem aos alunos uma participação integral. (IBIDEM, 2016). Aqui, o contato direto do professor e aluno na superação das dificuldades permitiu incluir todos os alunos e mostrar o valor de trabalhar em grupo através da coreografia.

No tratamento de crianças com o Transtorno do Espectro Autista, o mais importante é a consciência do próprio corpo na exploração dos movimentos para que também repercuta em sua vida diária. Através de experiências lúdicas, as crianças autistas experimentam atividades motoras como soltar e puxar, deitar e levantar, saltar e cair, puxar e empurra. São movimentações simples do cotidiano, mas que para o autista se fazem de exercício fundamental.

Nas acepções de Menezes (2019).

A dança e a exploração do movimento corporal permitem criar e integrar as representações surgidas em sonhos e imaginações, tornando possível uma nova linguagem, um novo meio de comunicar o inconsciente, tanto individual quanto coletivo, pois, no seu dinamismo, as imagens arcaicas manifestam-se adequadamente através das formas de expressão mais antiga do homem, que são o gesto e a dança. Menezes (MENEZES, 2019, p. 25).

É essencial exercitar a dança nos aspectos sensorial, perceptivo e motor, principalmente na vivência de processos expressivos, estabelecendo relações tanto na fantasia e imaginação, como no cotidiano, facilitando o conhecimento da imagem corporal de forma integrada, permite estabelecer equilíbrio pessoal. Nesse ponto, a dança se faz de vetor na criação das relações com as pessoas e no alto conhecimento de si mesmo, do corpo e de suas potencialidades. Ao invés de criar corpos travados e atrofiados gerados pelo Transtorno do Espectro Autista, o corpo se expressa e colabora com a evolução infantil.

As experiências de Bergmann, Bolsoni e Macuch (2021, p. 4) sobre os efeitos da dança terapia integrada ao tratamento de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) nos mostra que “a inclusão da dança terapia no tratamento de crianças diagnosticadas com TEA apresenta resultados positivos para o desenvolvimento da criança.” Ajudaram consideravelmente na coordenação motora ampla, consciência corporal, interação social e entre outras capacidades cognitivas, além da melhora na qualidade de vida dos participantes.

Conforme Porpino (2018),

A criação e a descoberta do sentido na aprendizagem fazem da educação um fenômeno humano, que se manifesta quando o homem passa a estabelecer relações significativas na existência, criando seu modo de posicionar-se frente à realidade do mundo. Portanto, a aprendizagem significativa é interpretativa, sua ação permite “descobrir em que sentido(s) há sentido(s). (PORPINO, 2018, p. 94).

Além de prazerosa, a dança permite novas percepções do mundo na criação de novos significados através da comunicação, expressão e interação social. Em ambas as experiências apresentadas e discutidas, percebe-se que houve melhoras expressivas nas relações interpessoais e uma evolução entre antes e depois das intervenções. Com o passar do tempo, os alunos começaram a se relacionar e restabelecer laços de amizade, tanto com colegas como professores. Trabalhando o desenvolvimento motor, cognitivo e sensorial, desenvolvem-se também as demonstrações de afeto. “A finalidade do

aprendizado da dança, desde suas primeiras etapas, tem como sua principal atuação ensinar formas de viver, mover-se e expressar-se no ambiente que rege a vida.” (SILVA, 2018, p. 24).

É de fundamental importância acompanhar estas evoluções, não apenas na escola, mas em todos os espaços no respeito às condições de cada indivíduo e trabalhar a favor da continuidade da aquisição de habilidades de socialização e criação. É evidente que trabalhar de forma interdisciplinar aliando a dança ao aprendizado e desenvolvimento da criança autista, o que envolve uma série de fatores como a melhor formação de professores, estrutura e materiais pedagógicos adequados, seja aos profissionais da saúde ou psicólogos, terapeutas e artistas. Deve-se buscar uma melhor qualidade educacional para os alunos autistas e isso requer investimentos. A interdisciplinaridade deve vir aliada a formas mais lúdicas de ensinar como a dança. Quando vemos o PCN de Arte (1997) é que vemos um lugar dedicado à dança, vejamos:

A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade. (BRASIL, 1997, p. 49).

Essa é uma compreensão que abarca toda a funcionalidade da dança na sala de aula e no tratamento do autismo através desta. Porém, está longe de se aplicar na realidade cotidiana. É preciso trazer para a sala de aula uma percepção mais forte sobre o corpo, bem como no tratamento do autismo através da dança. Isso pressupõe “recuperar a percepção da totalidade do corpo e tornar consciente gestos até então mecanizados em nossa prática cotidiana” (VIANA, 2005, p. 98).

O tratamento com a criança autista através dos gestos corporais em ritmos dá uma concepção de tempo e espaço que estabelecemos uma troca com o exterior, uma relação com a vida. Quando se integram em uma dança terapia, seus limites também vão se alargando e sua musculatura se alongando, ao contrário do que acontece no cotidiano comum, em que as pessoas, pela repetição do dia-a-dia, reduzem gradativamente sua vida, atrofiando os músculos. (VIANA, 2005).

A dança trabalha no contexto total do corpo, melhorando coordenação motora, permitindo a liberdade do movimento, melhorando a respiração, proporcionando sentimento de liberdade, favorecendo a melhora na comunicação, interação social,

promovendo a atenção e os limites do próprio corpo. Com isso, podemos pensar a criança autista de forma mais inclusiva que deve estar muito além de sua presença em sala de aula. A inclusão deve incorporar todos os âmbitos da sociedade de modo geral e garantir a aprendizagem, desenvolvimento de habilidades, potencialidades superando as dificuldades.

A educação especial e diferenciada se faz de uma das maiores ferramentas para o desenvolvimento da criança autista. Para oliveira (2020, p. 7), “a aprendizagem das crianças autistas não é fácil, contudo, fica evidente que, com dedicação e amor, estas crianças podem alcançar uma vida mais independente e com qualidade.” Para que o aluno autista alcance seu potencial em habilidades, é necessária uma estrutura eficiente que dê assistência e suporte, além da preparação de todos os envolvidos no processo educativo. Não a apenas a sala de aula deve ser inclusiva, mas o mundo que as rodeia. Por isso, é necessário crie uma rotina de situação no tempo e no espaço como estratégias de adaptação e desenvolvimento desses alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo mostrar como a Educação Artística através da dança pode contribuir para o desenvolvimento social e cognitivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista que tiveram contato direto com meios Educativos da dança. Através da ativação das percepções do corpo, a dança auxilia no desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e motor. A educação artística contribui na socialização trabalhando a comunicação verbal e não verbal, auxiliando a vinculação da criança autista com as demais através da dança.

A escola é um espaço fundamental para o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e sociais. Nisso, métodos e estratégias de aprendizagens voltadas para a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tais estratégias apresentadas demonstraram resultados positivos para o desenvolvimento da criança. Ajudaram consideravelmente na coordenação motora ampla, consciência corporal, interação social e entre outras capacidades cognitivas, além da melhora na qualidade de vida dos participantes.

Através da dança se desenvolvem as relações do corpo com o mundo, onde se propagam as significações da criança com o social e coletivo. Esse é um eixo de junção com as pessoas, o lugar e o tempo que na percepção do autista se passam de

forma diferente. Nesse sentido, espera-se que este trabalho traga contribuições para se pensar a realidade da criança autista na busca de soluções mais sensíveis na perspectiva da inclusão social para melhorar a qualidade de vida de quem sofre do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO Jr FB, PIMENTEL ACM. **Autismo infantil**. Rev Bras Psiquiatr. 2000. p. 37-39.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF; 1997.

BATTISTI, Aline Vasconcelo; HECK, Giomar Maria Poletto; MICHELS, Lísia Regina Ferreira. **A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática**. CHAPECÓ, 2018.

BERGMANN, Ana Clara; BOLSONI, Caroline Lopes; MACUCH, Regiane da Silva. **Os efeitos da dançaterapia no tratamento de crianças com transtorno do espectro do autismo**. Encontro Internacional de Produção Científica da UNICESUMAR, 2021.

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o Conhecimento: interdisciplinaridade na escola**, São Paulo, Brasil, Edições Loyola, 1992.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell ; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed,2007.

FINK, Isabel Cristina. **Autismo e educação: possibilidades e estratégias de inclusão**. Lajeado, novembro de 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo:Atlas, 2008.

JUNIOR, Francisco Paiva. **O que é o autismo?** Revista Autismo, 2021.

LÊ BRETON, David, 1953- **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MENEZES, Simone Santana. **A importância da dança para desenvolvimento de alunos transtorno do espectro autista (TEA)**. 2016. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/> Acessado: 16 jul. 2022

MÖDINGER, Carlos, [et al.]. **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Ilustração de Eloar Guazzelli. Erechim: Edelbra, 2012.

ODÍLIA, Fachin. **Fundamentos de Metodologia**. 5. Ed. [ver.] – São Paulo: Saraiva, 2006.

OLIVEIRA, Maria Eunice de. **O que a dança traz para o dançarino e o que o dançarino traz para a dança : um estudo sobre a reciprocidade entre a dança e o desenvolvimento do ser humano dançante**. Curitiba, 2017. 349 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação** [recurso eletrônico]: interfaces entre corporeidade e estética / Karenine de Oliveira Porpino. – 2. ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2018.

SILVA, Francine Gomes da. **A criança autista e a dança na escola: inclusão e amorosidade** / Francine Gomes da Silva. - 2018.

VIANA, Cleonice Siqueira & DINIZ, Denilson Pereira. **Comportamento de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade nas aulas de educação física.** Anais do VIII Congresso Brasileiro de Educação Especial (VIII CBEE). 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/denil/Downloads/galoa-proceedings--cbee-2018--93236.pdf> Acessado em: 21 mai. 2022

VIANNA, Klaus. **A dança.** - 3. ed. - São Paulo: Summus, 2005.